

OS MUSEUS NAVAIS E AS VIAGENS DE INSTRUÇÃO DE GUARDAS-MARINHA*

“Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas.

São pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.”

Instituto Brasileiro de Museus – Ibram

WILLIAM CARMO CESAR**
Capitão de Mar e Guerra (Ref^o)

SUMÁRIO

As cidades e os museus
Mouseion, o templo das musas
Os museus no Brasil
Os museus e a história naval
Os museus e as viagens de instrução de GM

AS CIDADES E OS MUSEUS

Segundo Leonel Kaz, curador do Museu do Futebol, em São Paulo, “a cidade é a história, e o museu o lugar onde a cidade (a história) se reconta”. Ainda segundo este jornalista e editor, “a cidade toda é uma escola, e o museu uma de suas salas de aula”¹.

Por obra e graça de homens de cultura e visão, encontramos exemplos desse tipo peculiar e especial de “sala de aula”, seja nas grandes metrópoles, nas cidades

de médio porte ou mesmo nos pequenos centros urbanos. Eles variam dos singelos museus de temática doméstica, particular e de divulgação local, como alguns museus da cidade, aos grandiosos, abrangentes e universais, mundialmente conhecidos e procurados pelos viajantes de todas as procedências, como os museus enciclopédicos das grandes metrópoles.

Entre as “cidades-escola”, das mais desejadas e visitadas certamente se destaca Paris, por muito tempo um dos mais impor-

* Publicado na *Revista de Villegagnon* de 2013.

** Doutor em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval. Instrutor de História da Escola Naval.
1 KAZ, Leonel. “O lugar do museu na educação”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 jun. 2013.



Contratorpedeiro de Escolta *Bauru*, Espaço Cultural da Marinha, Rio de Janeiro

tantes centros de aglutinação intelectual da Europa e, quiçá, do mundo. E não há como ir a Paris e deixar de visitar sua principal “sala de aula”, o Museu do Louvre. Creio que, mesmo para aquele tipo de viajante não muito chegado ao turismo cultural, o Louvre é um ícone sagrado da cultura universal que não pode deixar de ser visto, pelo menos uma vez na vida, ainda que de maneira breve, no mínimo para se conhecer a “Mona Lisa”, talvez a mais famosa obra de Leonardo da Vinci, ou a “Vitória da Samotrácia”, a belíssima escultura grega em destaque em uma das escadarias do museu. Bastará, entretanto, essa primeira vez para que brote o desejo de novas visitas, programadas ou mesmo de oportunidade! Criação da Revolução Francesa, esse majestoso e imponente repositório da arte e cultura universais foi aberto a 8 de novembro de 1793, como parte do esforço destinado a “instruir a nação, difundir o civismo e a história”².

Mas o Louvre não foi o primeiro nem o último dos museus. Alguns navegaram em sua esteira, como o Museu Real dos Países Baixos, em Amsterdã (1808); o Museu do Prado, em Madri (1819); e o Hermitage, em São Petersburgo (1852). Outros já haviam cruzado a sua proa, como o Ashmolean, em Oxford (1683), e o Britânico, em Londres (1753), para citar apenas alguns famosos.

Mas, então, como e quando teriam surgido os primeiros museus? Qual o seu significado original e o que hoje eles representam para a sociedade?

MOUSEION, O TEMPLO DAS MUSAS

O vocábulo museu tem origem no grego mouseion, templo das Musas – as nove deusas filhas de Zeus e Mnemósine (a personificação da Memória) –, que dominavam

2 JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. Disponível em: www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernosdiretrizes_segundaparte.pdf. Acesso em: 30 ago. 2013.

a ciência universal e presidiam as artes³, entre elas, Clio, a Musa da História.

Mas, na Grécia antiga, os templos não eram locais destinados a reunir coleções e, sim, “reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos”⁴. Apesar de sua denominação derivada do léxico grego, os museus preexistiram à Grécia Clássica, como, por exemplo, na Babilônia, onde os sacerdotes mantinham coleções de antiguidades anexas à escola do templo⁵.

Com uma boa margem de acerto, podemos inferir que os museus começaram a surgir como repositórios de objetos de referência, desde o tempo em que o homem primitivo passou a colecionar artefatos diversos, de uso comum no seu dia a dia – os sítios arqueológicos estão aí para apoiar esse argumento. Essa prática de colecionismo acabou por tornar-se moda na Europa, especialmente a partir do século XV, impulsionada pelas grandes viagens marítimas dos descobrimentos e reforçada com o Renascimento e seus efeitos nas ciências e nas artes. Foi quando se criaram os gabinetes de curiosidades e as coleções científicas, muitas das quais, mais tarde, se transformaram em museus.

Ao final do século XVII, com a liberação do acesso público às coleções, os museus passaram a adquirir função pedagógica e a contribuir para a formação do cidadão, por meio do conhecimento do passado, ou seja, da história, em especial aqueles ligados às instituições de ensino, como o Ashmolean, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, considerado o primeiro museu moderno com objetivo declarado de educar o público⁶ – uma verdadeira “sala de aula”.

OS MUSEUS NO BRASIL

Durante o período em que a Família Real portuguesa permaneceu no Brasil, D. João VI criou o Museu Real (1818), atual Museu Nacional. Posteriormente, vieram outros, como o do Exército (Museu Militar do Arsenal de Guerra, em 1865) e o da Marinha (Museu Naval, em 1868), além do Emílio Goeldi (1866), no Pará, e do Paulista/Museu do Ipiranga (1894), estes últimos etnográficos.

Na segunda década do século XX, surgiu o Museu Histórico Nacional (MHN), dedicado à História, cujo núcleo inicial ocupou duas salas do Pavilhão das Grandes Indústrias da Exposição Internacional de 1922. O MHN abrigou, entre 1932 e 1979, o curso de Museologia, criado pelo então diretor e idealizador do Museu, Gustavo Barroso.

Um dos mais importantes museus de arte do Brasil e da América do Sul, o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio de Janeiro, apesar de oficialmente inaugurado em 1938, também teve suas origens em acervo de obras de arte trazidas por D. João VI, em 1808, parte do qual foi aqui deixado após o regresso da Corte a Portugal.

OS MUSEUS E A HISTÓRIA NAVAL

A contribuição dos museus para o estudo da história, de um modo amplo e geral, me parece inegável. Esta afirmação se revela, talvez, mais contundente, se considerarmos aqueles especializados nesse tema como, por exemplo, o nosso MHN.

Se particularizarmos ainda mais a temática, para o campo da História Naval, teremos, nos museus marítimos e navais, subsídios e informações essenciais às pesquisas e aos estudos relacionados a esse ramo tão peculiar

3 *Dicionário Houaiss Eletrônico*, 2009.

4 JULIÃO, Leticia, op. cit.

5 Conforme <http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu>. Acesso em: 9 set. 2013.

6 Conforme <http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu>. Acesso em: 9 set. 2013.



Rebocador de Alto-Mar *Laurindo Pitta*, no Espaço Cultural da Marinha

e fascinante da História. Nos marítimos, especializados em fatos ocorridos no mar ou em razão dele, e nos navais, dedicados à guerra no mar, isto é, ao emprego do poder naval na luta pelo domínio do mar, poderemos encontrar, em acervos especializados, modelos e exemplares reais de navios e embarcações, coleções de peças e objetos de bordo, uniformes, canhões, instrumentos náuticos, próprios de belonaves e navios mercantes de diferentes épocas (remo, vela e vapor), além de gravuras, pinturas, cartas náuticas e documentos diversos sobre viagens marítimas, combates e guerras navais, usos e costumes dos homens do mar, e tantos outros materiais “didáticos” necessários a uma adequada “sala de aula de História Naval”.

Muitos dos museus navais, ou mesmo marítimos ou históricos, possuem navios-museu como parte integrante de seu acervo. Esses navios-museu tornam-se elementos

relevantes para o conhecimento da História Naval, uma vez que, além de representar um documento vivo dos fatos históricos de seu tempo, podem proporcionar uma verdadeira aula, por exemplo, sobre a vida de bordo, sobre detalhes técnicos de construção e equipagem dos navios, sobre a arte da navegação, da execução de fainas marinheiras e da condução da batalha naval.

É aqui oportuno citar, como modelo, o nosso Museu Naval, criado em 1868, localizado à Rua Dom Manuel, nº 15, no Centro do Rio de Janeiro, e subordinado à Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. Ele teve um grande impulso em sua função pedagógica em 2006, com a inauguração de exposição de longa duração com o tema “O Poder Naval na Formação do Brasil”, tornando-se uma referência para a História Naval brasileira⁷. Além do Museu Naval, a Diretoria adminis-

7 BITTENCOURT, Armando de Senna; LOREIRO, Marcello José Gomes. “Patrimônio Histórico, Educação e Consciência Marítima”. In: *Revista Marítima Brasileira – RMB*, v.132 n. 10/12 – out/dez, 2012, p. 17.

tra o Espaço Cultural da Marinha, que conta, entre outros bens, com um helicóptero, um submarino, um modelo da Nau dos Descobrimentos, o Navio-Museu *Bauru* – veterano da Segunda Guerra Mundial – e outras duas preciosidades, a Galeota de D. João VI – construída em Salvador em 1808 e trazida para o Rio de Janeiro no ano seguinte – e o Rebocador de Alto-Mar *Laurindo Pitta* – construído em 1910, e o único navio remanescente da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) que participou, em 1918, da Primeira Guerra Mundial. São navios de diferentes tipos e épocas diversas, os quais muito podem contribuir, junto com o Museu Naval, para o conhecimento das tradições navais e da história, não somente da nossa Marinha, como do Brasil.

OS MUSEUS E AS VIAGENS DE INSTRUÇÃO DE GM

As viagens de instrução de Guardas-Marinhas (VIGM) a bordo de navios-escola (NE), tradição naval preservada pela maioria das Marinhas de guerra, além de longas singraduras que se estendem pelos mares e oceanos do globo, incluem inúmeras escalas em diferentes portos espalhados pelos cinco continentes.

Se os prolongados dias de mar asseguraram o treinamento marinho e a instrução a bordo necessários à profissão naval, a estada em portos e cidades importantes, ao propiciar um convívio com a história e a cultura dos países visitados, proporciona uma inestimável contribuição ao aprimoramento histórico-cultural e à formação humanística não somente dos guardas-marinhas (GM), como dos demais integrantes das tripulações dos navios-escola.

Dentro desse contexto, visitas a museus marítimos e navais disponíveis nos países percorridos pelos NE, além de oportunas, revestem-se de grande valor ao facultar aos tripulantes o conhecimento de raros e peculiares objetos pertencentes aos acervos desses museus especializados, significativos e de importância para a preservação da história e das tradições navais. Para os GM em especial, essas visitas permitirão que seja efetuada uma proveitosa correlação daqueles objetos com os fatos, guerras e batalhas navais estudados na Escola Naval⁸.

Em 1968, por exemplo, durante a V Circum-navegação da Marinha brasileira, efetuada pelo saudoso NE *Custódio de Mello*⁹, por ocasião de sua escala em Honolulu, Havaí, os GM tiveram a oportunidade ímpar de conhecer a base naval norte-americana de Pearl Harbor, alvo do ataque aeronaval japonês de 7 de dezembro de 1941, que motivou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Naquela base, onde o NE se encontrava atracado, após as comemorações de 11 de junho de 1968 a bordo, visitamos o Memorial Arizona, uma bela estrutura branca de concreto, apoiada sobre o casco soçobrado daquele encouraçado, atingido durante o bombardeio nipônico.

Ainda naquela memorável circum-navegação, no porto seguinte, Tóquio, tivemos o privilégio, em Yokosuka, de subir a bordo do Encouraçado HMIS *Mikasa*, capitânia do Almirante Heiashiro Togo em sua vitória sobre os russos na Batalha Naval de Tsushima, de outubro de 1905. Essa notável belonave, hoje transformada em navio-museu, além de remanescente daquela batalha, é um dos raros exemplares de encouraçado pré-*Dreadnought* ainda disponíveis à visita e ao conhecimento.

8 CESAR, William Carmo. “A XX Viagem de Instrução de Guardas-Marinha e a História Naval”. In: *Revista de Villegagnon* nº 2, 2007, p. 47.

9 CESAR, William Carmo Cesar. “O NE *Custódio de Mello* em sua X Viagem de Instrução”. In: *Revista Marítima Brasileira* – RMB, abr./jun. 1987, SDGM, p. 53.

Em suas estadias em Londres, por exemplo, tem sido comum o nosso NE ficar atracado no Tâmesa, à vista da tradicional Tower Bridge, a contrabordo de um imponente navio-museu, o Cruzador Leve HMS *Belfast*, veterano da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia. Assim aconteceu na VIGM de 2006 do NE *Brasil*.

Como conclusão, e com o intuito de oferecer opções de visitas durante viagens

de instrução de guardas-marinha, estão relacionados, nos quadros a seguir, alguns dos principais navios-museu que poderão estar disponíveis nos portos de escala constantes nas longas derrotas percorridas pelo navio-escola.

Que os GM e demais tripulantes do NE, em cruzeiros próximos, possam desfrutar boas aulas a bordo dessas belonaves que ajudaram a fazer a História!



Dracar Viking *Oseberg* – Oslo



Vasa – Estocolmo



HMS *Victory* – Docas Históricas de Portsmouth

NAVIOS-MUSEU DA ERA DA VELA

NAVIO-MUSEU	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	HISTÓRICO
<i>Oseberg e Gokstad</i> Dracar Século IX	Viking Ship Museum Oslo – Noruega	22 m de comprimento, 5 m de boca e um mastro de 10 m	Navios da era viking. O Oseberg é o mais completo e perfeito existente na Noruega.
HMS <i>Mary Rose</i> Carraca de guerra inglesa Século XVI	O Museu Mary Rose integra o complexo das Docas Históricas de Portsmouth, Inglaterra.	Com cerca de 500 t, dotada de castelos na popa e proa, era armada com 80 a 90 canhões, além de armas individuais, como lanças, arcos longos e flechas. Reformada em 1536, para o acréscimo de novos canhões.	Lançada em 1511, à época de Henrique VIII, foi um típico navio de transição do combate de abordagem para o engajamento de artilharia. Afundou, em 1545, no estreito de Solent, próximo à Ilha de Wright. Resgatada, preserva parte do casco, armas e objetos de bordo.
<i>Vasa</i> Galeão sueco Século XVII	Museu Vasa, em Estocolmo, Suécia	Com 1.200 t de deslocamento, 70 m de comprimento e 12 m de boca, era armado com 64 canhões.	Lançado em 1627, durante o reinado de Gustavo Adolfo, foi também uma belonave de transição, da tática de abordagem para a artilharia típica dos navios de linha. Afundou, em sua viagem inaugural, na Baía de Estocolmo, em agosto de 1628 e foi resgatado do fundo em 1961.
HMS <i>Victory</i> Navio de linha Século XVIII	Integra as Docas Históricas de Portsmouth, Inglaterra.	Deslocando 3.500 t, com 57 m de comprimento e 16 m de boca, é um verdadeiro navio de linha de 1ª classe, com uma artilharia de 104 canhões, de calibres 68, 32 e 24 libras.	Lançado em 1765 e comissionado em 1778, tornou-se famoso, em 1805, como capitânia do Almirante Horácio Nelson, em Trafalgar, batalha na qual o maior herói naval inglês perdeu a vida.
USS <i>Constitution</i> Fragata a vela Século XVIII	Charlestown Navy Yard, Boston, EUA	2.200 t de deslocamento, 62 m de comprimento e 13 m de boca, armada com 44 canhões.	Lançada em 1797, fez sua primeira viagem no ano seguinte. Participou da Guerra de 1812 contra a Grã-Bretanha. Transformada em navio-museu em 1907.
<i>Dom Fernando II e Glória</i> Fragata portuguesa a vela Século XIX	Preservada como navio-museu em Almada, Portugal	Fragata a vela, de 50 canhões, 1.850 t de deslocamento, 87 m de comprimento e 13 m de boca.	Lançada em outubro de 1843, na Índia Portuguesa, fez sua viagem inaugural em 1845. Foi o último veleiro de guerra construído por Portugal e o derradeiro a percorrer a Carreira da Índia. Em agosto de 1998, foi levado para o Museu Naval de Lisboa e transferido, em 2008, para Almada.

HMS *Warrior* – Docas Históricas de Portsmouth

NAVIOS-MUSEU DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

NAVIO-MUSEU	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	HISTÓRICO
HMS <i>Warrior</i> Primeiro encouraçado inglês Século XIX	Integra as Docas Históricas de Portsmouth, Inglaterra	Navio encouraçado de casco de ferro, com deslocamento de 9.200 t, 128 m de comprimento e 18 m de boca e propulsão mista, vela – vapor. Armado com 40 canhões.	Fragata encouraçada, construída em 1859-61, em concorrência ao primeiro navio de guerra de alto-mar, de casco de madeira e protegido por couraça de ferro, o francês <i>Gloire</i> , lançado em 1859.
USS <i>Cairo</i> Monitor americano Século XIX	Vicksburg National Military Park, Mississipi	Monitor de propulsão a vapor, com roda de pás, de 510 t de deslocamento, 53 m de comprimento e 16 m de boca, armado com canhões em casamata.	Lançado em Illinois e comissionado em 1862, participou da Guerra da Secessão Americana, incorporado a uma Flotilha da União. Afundado, em dezembro de 1862, foi recuperado em parte, em 1964, e exposto no local da batalha terrestre de Vicksburg (1863).
Cutty <i>Sark</i> Clíper inglês Século XIX	Greenwich, Londres	Clíper de 2.100 t, com 85 m de comprimento e 11 m de boca.	Lançado em novembro de 1869 e comissionado no ano seguinte, navegou na rota do chá, entre a Inglaterra e a China, sendo o remanescente dessa era. O clíper, que deu o nome ao uísque Cutty Sark e tem sua imagem no rótulo, foi avariado seriamente em 2007, recuperado e reaberto em 2012.
SS <i>Great Britain</i> Mercante inglês de propulsão mista Século XIX	Doca seca, no porto de Bristol, Inglaterra	Vapor de hélice, o maior à época em que foi comissionado, com 3.675 toneladas, 98 m de comprimento e 15 m de boca.	Navio de passageiros a vapor, lançado em 1843. Foi o primeiro desse tipo a cruzar o Atlântico, em 14 dias, em 1845, tendo permanecido em serviço até 1886.
<i>Huáscar</i> Monitor peruano Século XIX	Navio-museu, atracado no porto de Talcahuano, Chile	Navio encouraçado, tipo monitor, com 1.180 t, 67 m de comprimento e 11 m de boca, e com canhões em torre giratória (2 de 10”/254 mm e 2 de 4,7”/120 mm), além de metralhadora e proa reforçada com aríete.	Lançado em 1865 e comissionado no ano seguinte, participou da Guerra do Pacífico entre Chile e Peru/Bolívia (1879-83). Capturado pelos chilenos, na Batalha da Angamos (1879), foi mais tarde transformado em navio-museu, na Marinha do Chile.

NAVIOS-MUSEU DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

NAVIO-MUSEU	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	HISTÓRICO
HMS <i>Holland 1</i> Submarino inglês Século XX	Royal Navy Submarine Museum, Hampshire, Inglaterra	Com 107 toneladas, 20 m de comprimento e 4 m de boca, propulsão elétrica de 70 HP (mergulhado) e armado com um tubo para lançamento de torpedo de 18"/450 mm.	Obra do construtor John Philip Holland, foi lançado em Barrow-in-Furness, em 1901, sendo o primeiro submarino da Marinha Real Britânica. Perdido, em 1913, foi recuperado em 1982 e transformado em museu.
<i>Aurora</i> Cruzador russo Século XX	Preservado em São Petersburgo, na Rússia	Cruzador protegido Com 6.700 t, 127 m de comprimento e 17 m de boca, armado originalmente (1903) com 8 canhões de 6"/152 mm, 24 de 75 mm e 3 tubos para lançamento de torpedo.	Lançado em 1900, esteve em serviço de 1903 a 1957, tendo tomado parte em marcantes episódios da história naval russa, como no longo cruzeiro do Esquadrão do Báltico até Tsushima e na batalha contra o Japão (1905), além da Revolução de Outubro de 1917.
HMIS <i>Mikasa</i> Encouraçado pré- <i>dreadnought</i> japonês Século XX	Aberto ao público desde 1926, em Yokosuka, Japão	Encouraçado pré- <i>dreadnought</i> , de 15.000 t, 132 m de comprimento e 23 m de boca, com 4 canhões de 12"/305 mm e 14 de 6"/127 mm, além de 4 tubos para torpedos de 18 polegadas.	Lançado ao final de 1900 e na ativa a partir de 1902, foi capitânia do Almirante Togo na Guerra Russo-Japonesa (1904-05), tendo participado do ataque a Port Arthur e das batalhas do Mar Amarelo e de Tsushima (1905). Em consequência da Conferência Naval de Washington (1922), foi transformado em navio-museu, aberto ao público em 1926, na presença do então Príncipe Herdeiro Hirohito e do Almirante Togo.
<i>Drazki</i> Torpedeira búlgara Século XX	Navio-Museu <i>Drazki</i> , em Varna, Bulgária (adaptado na torpedeira de mesma classe <i>Strogi</i>).	Torpedeira a vapor de 97 t, 38 m de comprimento e 4,5 m de boca, armado com 3 canhões de 47 mm e 3 tubos para torpedos de 450 mm.	Lançada em 1907 e comissionada no ano seguinte, participou, no Mar Negro, da I Guerra Balcânica (1912), da I GM (1914-18) e da II GM, ao lado da Alemanha. Parcialmente destruída, seu canhão, sua chaminé e acessórios do casco e convés foram adaptados à torpedeira <i>Strogi</i> , transformada em Navio-Museu <i>Drazki</i> em 1957.

Cruzador *Aurora* – São PetersburgoHMIS *Mikasa* – Yokosuka

NAVIOS-MUSEU DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

NAVIO-MUSEU	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	HISTÓRICO
Memorial Arizona Encouraçado BB-39 dos EUA II GM	Base Naval de Pearl Harbor, Honolulu, Havai, EUA	O BB-39, com 31.000 t, 185 m de comprimento e 32 m de boca, era armado com 12 canhões de 14" e 22 de 5".	Lançado em 1915, operou na Marinha dos EUA até 7 de dezembro de 1941, quando afundou no ataque japonês a Pearl Harbor. O Memorial, sobre o casco soçobrado do BE-39, foi criado em 1962 para homenagear os cerca de 1.100 tripulantes mortos a bordo durante o bombardeio.
HMS Belfast (C35) Cruzador leve inglês II GM	Fundead no Rio Tâmisa, próximo à Tower Bridge, Londres	Cruzador leve de 11.500 t, 187 m de comprimento e 20 m de boca, armado com 12 canhões de 6" e 12 de 4", além de 6 tubos para torpedos de 21"	Lançado em 1938, esteve ativo de 1939 a 1963, tendo participado da II GM, especialmente nos comboios do Ártico e na Normandia, e da Guerra da Coreia. Navio-museu desde 1971, sob a supervisão do Imperial War Museum.
U-505 <i>U-boot</i> alemão II GM	Museum of Science and Industry, Chicago, EUA	U-boot alemão de 1120 t e 77 m de comprimento, com 6 tubos para torpedos de 22" e um canhão	Lançado em 1941, em Hamburgo, participou da guerra de curso alemã durante a II GM (Batalha do Atlântico), tendo sido capturado, em 1944, por navio dos EUA, e transformado em museu em 1954.
USS <i>Missouri</i> BB – 63 Encouraçado dos EUA II GM	Pearl Harbor, Honolulu, a 500 jardas do Memorial do Arizona	Com 310 mm de couraça, 45.000 t de deslocamento, 270 m de comprimento e 33 m de boca, armado 9 canhões de 16"/406 mm, 20 de 5"/127 mm e 129 canhões AA entre 40 mm e 20 mm, o BB-63 recebeu, em 1984, mísseis de cruzeiro Tomahawk e antinavio Harpoon.	Lançado em 1944, foi o último encouraçado concluído pelos EUA. Participou da II GM (a cerimônia do armistício foi realizada em seu convés, na Baía de Tóquio, a 2 de setembro de 1945), da Guerra da Coreia (1953) e da Guerra do Golfo (1991), sendo transformado em museu em 1999 e levado para Pearl Harbor.
Be4 <i>Bauru</i> Contratorpedeiro de escolta da Marinha do Brasil II GM	Atracado no Espaço Cultural da Marinha, da DPHDM, no Rio de Janeiro	Com 1.300 t, 93 m de comprimento e 11 m de boca, armado com 3 canhões de 3"/76 mm, 2 de 40 mm, 8 metralhadoras de 20 mm, 3 tubos para torpedos de 21", 2 calhas e 8 projetores laterais de bombas de profundidade A/S, radar e sonar de casco.	Lançado e incorporado à Marinha dos EUA em 1943, foi transferido para a Marinha do Brasil com o nome <i>Bauru</i> , em 1944. Após 37 anos servindo à MB, com operações de escoltas e patrulhas no Atlântico na II GM, em 1981 foi transformado em navio-museu.



Memorial Arizona – Pearl Harbor 1968

NAVIOS-MUSEU DA ERA NUCLEAR

NAVIO-MUSEU	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	HISTÓRICO
USS <i>Nautilus</i> (SSN-571) Submarino nuclear EUA Pós-guerra	Submarine Force Library and Museum, em Groton, Connecticut, EUA	Com 3.500 t, 98 m de comprimento e 8,5 m de boca, era armado com 6 tubos para torpedo.	Primeiro submarino com propulsão nuclear, foi lançado em 1954. Em 1958, atravessou a calota polar, submerso, e operou até 1980.
NS <i>Savannah</i> Primeiro navio mercante de propulsão nuclear EUA Pós-guerra	Ancorado no Pier 13 do Canton Marine Terminal, em Baltimore, Maryland, EUA	Com 13.000 toneladas brutas, 182 m de compri- mento e 24 m de boca	Primeiro navio mercante com propulsão nuclear. Lançado em 1959, fez sua viagem inaugural em 1962 e, em 1972, foi transfor- mado em navio-museu.

NS *Savannah*

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; Museus navais; Navio-museu; Viagem de instrução;

BIBLIOGRAFIA

- BITTENCOURT, Armando de Senna; LOUREIRO, Marcello José Gomes. “Patrimônio Histórico, Educação e Consciência Marítima”. In: *Revista Marítima Brasileira – RMB*, v. 132 nº 10/12 – out/dez, 2012, pp. 9-22.
- CESAR, William Carmo. “A XX Viagem de Instrução de Guardas-Marinha e a História Naval”. In: *Revista de Villegagnon*, nº 2, 2007, págs. 44-49.
- _____. “O NE Custódio de Mello em sua X Viagem de Instrução”. In: *Revista Marítima Brasileira – RMB*, abr/jun 1987, SDGM, pp. 45-66.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. Disponível em: <www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernosdiretrizes_segundaparte.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2013.
- KAZ, Leonel. “O lugar do museu na educação”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 jun. 2013.
- MUSEU. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu>>. Acesso em: 9 set. 2013.